

## O LIVRO COMO DISPOSITIVO DE COMUNICAÇÃO INTERMUNDOS: EXPERIMENTO DE CO-CRIAÇÃO ESCRITA E BILÍNGUE DA ORALIDADE KAIOWÁ

*The book as inter-world communication dispositive: writing and bilingual co-creation experiment of Kaiowá orality*

*El libro como dispositivo de comunicación intermundos: experimento de co-creación escrita e bilingüe de la oralidad kaiowá*

*Luciana de Oliveira*  
DCS/PPGCOM/UFGM  
[luciana.lucyoli@gmail.com](mailto:luciana.lucyoli@gmail.com)

### Resumo

O artigo apresenta a experiência de co-criação de um livro bilíngue (em Guaraní e Português), produzido em colaboração com o povo Kaiowá do território retomado de Guaiviry Yvy Pyte Ojere (Mato Grosso do Sul/Brasil) e suas lideranças espirituais e intelectuais. Metodologicamente, vale-se da co-presença em longa duração via etnografia multissituada como estratégia afetiva e intersubjetiva que, ao mesmo tempo em que descreve a experiência de comunicação entre mundos (e não a descrição de um mundo sob a ótica de outro), opera como encontro de saberes. As relações entre oralidade e escrita, as escolhas editoriais bem como os esforços de tradução linguística são tomados como fóruns cosmopolíticos com vistas à produção de diálogos interepistêmicos, sublinhando um gesto de descolonização do livro a partir de sua apropriação contra-colonial.

**Palavras-chave:** Livro Bilingue. Comunicação Intermundos. Povo Kaiowá.

### Abstract

The article presents the experience of co-creating a bilingual book (in Guaraní and Portuguese), produced in collaboration with the Kaiowá people in Guaiviry Yvy Pyte Ojere (Mato Grosso do Sul / Brazil), a reoccupied traditional territory, and their spiritual and intellectual leadership. Methodologically, it makes use of long-term co-presence by multi-situated ethnography as an affective and intersubjective strategy that, while describing the experience of inter-world communication (and not the description of a world from the perspective of another), operates as a meeting of knowledge. The relations between orality/writing, editorial choices as well as linguistic translation efforts are taken as cosmopolitical forum to reach the production of inter-epistemic dialogues, underlining a gesture of decolonization of the book from its counter-colonial appropriation.

**Key-words:** Bilingual Book. Inter-World Communication. Kaiowa Indigenous People.

## Resumen

El artículo presenta la experiencia de co-creación de un libro bilingüe (en guaraní y portugués), producido en colaboración con el pueblo Kaiowá del territorio tradicional reocupado de Guaiviry Yvy Pyte Ojere (Mato Grosso do Sul / Brasil) y sus liderazgos espirituales e intelectuales. Metodológicamente, utiliza la co-presencia a largo plazo a través de la etnografía multisituada como una estrategia afectiva e intersubjetiva que, al describir la experiencia de comunicación entre mundos (y no la descripción de un mundo desde la perspectiva de otro), opera como un encuentro de saberes. Las relaciones entre la oralidad y escritura, las elecciones editoriales, así como los esfuerzos de traducción lingüística se toman como foros cosmopolíticos con miras a la producción de diálogos interepistémicos, subrayando un gesto de descolonización del libro desde su apropiación contra-colonial.

**Palabras-clave:** Libro Bilingüe. Comunicación Intermundos. Pueblo Kaiowá.

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo tem por objetivo apresentar uma experiência de pesquisa com interface na extensão e no ativismo que culminou, dentre várias produções colaborativas, num projeto editorial realizado junto ao povo Kaiowá da retomada de Guaiviry Yvy Pyte Ojere em Mato Grosso do Sul/Brasil<sup>1</sup>. A experiência está calcada numa prática etnográfica multissituada (2012-ATUAL), nos processos formativos de um projeto de ensino de graduação (2014, 2016 e 2018) e na consecução compartilhada de diversas ações comunicacionais e artísticas (2012-ATUAL)<sup>2</sup>. Para as reflexões a seguir, vou ater-me especialmente ao escopo de trabalho

<sup>1</sup> Os principais interlocutores nesse processo de produção científica sob o protocolo do encontro de saberes são pessoas que vivem em território brasileiro e se identificam como Kaiowá (chamados comumente de “Guarani-Kaiowá”). Kaiowá e Guarani são povos distintos mas que têm uma língua próxima e uma união política em torno do conflito fundiário grave que enfrentam e na luta por fazer valer o direito aos seus territórios originários, garantido pela Constituição Brasileira de 1988. Ambos os povos falam línguas da família linguística tupi-guarani, do tronco tupi e coabitam, hoje, um território próximo e, por vezes, comum no sul do estado do Mato Grosso do Sul (MS), totalizando cerca de 55 mil pessoas. A literatura antropológica tem definido que os povos guarani se subdividem essencialmente em três grupos: Nandeva, Mbya e Kaiowá (ver, por exemplo, SCHADEN, 1960; ALMEIDA, 2001; MONTARDO, 2002; MURA, 2006; PIMENTEL, 2012; BENITES, 2014; CHAMORRO, 2015). Em MS, os Nandeva se auto-denominam também de Guarani, sendo as duas palavras utilizadas indistintamente. Guaiviry é um dos tekoha Kaiowá no sul de MS, fazendo parte do movimento de reocupação forçada dos territórios tradicionais - conhecido como retomada de terras - iniciado em maior escala a partir dos anos de 1980. Foi reocupado em 2011 e ocasionou o brutal assassinato da liderança que conduzia os grupos familiares, o Cacique Nisio Gomes. Atualmente abriga cerca de 40 famílias e 300 pessoas que seguem na luta cotidiana de afirmação do *teko* Kaiowá (o modo tradicional de viver) e na defesa do território contra os interesses econômicos do agronegócio.

<sup>2</sup> Programa de Extensão Imagem Canto Palavra nos Territórios Guarani Kaiowá (2014-ATUAL) com financiamento do edital Proext/MEC; Rumos Itaú Cultural 2018-2019; Projeto de Pesquisa Regimes de Conhecimento e Formas de Vida na Universidade com financiamento da Prograd-UFGM, Edital Universal Fapemig 2018; Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFGM; Tee | Descendentes com financiamento do Rumos Itaú Cultural 2018-2019.



etnográfico e co-criativo compreendido no projeto *Tee: Descendentes*, um experimento científico-artístico-ativístico com vistas a colaborar para o alargamento da visibilidade da luta pela terra Kaiowá e Guaraní e para a salvaguarda, sob a linguagem escrita e sob o formato de livro e de registros audiovisuais disponibilizados em um site<sup>3</sup>, de uma parte do vasto patrimônio imaterial do povo Kaiowá, ativado e experienciado cotidianamente no território onde a experiência aconteceu. O projeto compreendeu a elaboração de dois livros bilíngues em guaraní e em português: um livro de rezas, história e filosofia Kaiowá intitulado *Ñe'e Tee Rekove/Palavra Verdadeira Viva* organizado pelo rezador Valdomiro Flores (*Ava Apyka Renda Jurua*), pela rezadora Tereza Amarília Flores (*Kuña Jeguaka Rory*) e por mim; e um livro-objeto de natureza artística intitulado *Tee: amboe oguhema omburahei ha oñembosarai haguã/ Descendentes: Outros que chegam para rezar e brincar* de autoria do artista Paulo Nazareth e minha. Compreende ainda uma ação de distribuição dos livros nas escolas indígenas Kaiowá e Guaraní nas reservas e retomadas de todo o estado de MS a partir de uma estação de rádio móvel - Rádio Kilombo Guaraní - montada em uma Brasília verde, ano 1977 (obra idealizada também por Paulo Nazareth).

O objetivo do texto amplia-se ainda à necessidade de pensar essa experiência como problema comunicacional, mais especificamente no que chamo de comunicação intermundos. Para tanto, vale-se de duas propostas teórico-metodológicas: 1) fórum cosmopolítico (OLIVEIRA, 2016; OLIVEIRA; FLORES; GOMES; VASQUES, 2016; OLIVEIRA; VASQUES, 2018; OLIVEIRA; FIGUEROA, 2020)<sup>4</sup> que busca localizar as cosmopraxis no campo das ontologias, compreendendo formas de vida que, diferentemente do Ocidente, operam pela diferença e pela multiplicidade (de tempos, territórios, verdades e agências) colocando em cheque as relações dicotômicas entre natureza e cultura bem como nosso regime de representação; e 2) diálogos interepistêmicos (LIMIC, 2015; CARVALHO, 2018; OLIVEIRA; FIGUEROA, 2020)<sup>5</sup> que propõe a abertura e a simetria entre regimes de conhecimento bem como o risco do encontro e da incidência não-hierárquica das epistemes subalternizadas sobre a episteme Ocidental hegemônica.

Para tanto, vale-se da descrição e da reflexão acerca dos processos de feitura do livro a partir das relações entre escrita, oralidade e oralidade transcrita, dos esforços de tradução e das

<sup>3</sup> [www.guaivirykaiowa.org](http://www.guaivirykaiowa.org)

<sup>4</sup> A noção de fórum baseia-se em Callon, Lescombes e Barthe (2005) e a noção de cosmopolítica inspira-se em Stengers (2004) e Descola (2016).

<sup>5</sup> A proposta inspira-se em Freire (2003) e hooks (2013)

escolhas de editoração como esforços concretos de comunicação entre o mundo Kaiowá e o mundo Ocidental. Vale lembrar que as formas de produção, transmissão e circulação de conhecimentos tradicionais Kaiowá são preferencialmente performadas pela via da oralidade, enquanto no mundo moderno Ocidental, vigora o uso da escrita como forma preferencial de registro e circulação de conhecimentos o que pode ser mais especificamente contextualizado na experiência do formato livro e na sua consagração como objeto de poder e autoridade do saber. Para os fins dessa discussão, os processos relativos à construção colaborativa do primeiro livro (mencionado acima) é que será tomada como foco principal.

Do ponto de vista metodológico cabe dizer que não se trata de um gesto etnográfico convencional de descrição objetificante do mundo dos outros. Trata-se antes de elaborar uma relação intermundana que, a partir da experiência de campo e de produção compartilhada, se pensa como interação comunicacional (BRAGA, 2010; 2012), seja nos processos de preparação dos livros - nos quais a co-presença em longa duração, a implicação subjetiva e corporal produz afetação (FAVRET-SAADA, 1977) - seja nas decisões conjuntas nos processos editoriais propriamente ditos (organização dos materiais, processos de transcrição, tradução e diagramação, divisão e ordenação dos capítulos, relação entre as línguas envolvidas e hierarquias tipográficas e visuais). Nesse sentido, o trabalho de campo para a preparação dos manuscritos durou todo o ano de 2018, sendo a maior parte do tempo localizado no tekoha/retomada em MS, valendo-se de registros audiovisuais anteriores e diários de campo produzidos ao longo de seis anos. Já o trabalho de editoração, diagramação e revisão durou todo o ano de 2019 e os primeiros meses de 2020, dos quais mais um mês inteiro foi realizado no tekoha. A multissituacionalidade (MARCUS, 1995; OLIVEIRA, 2017) - na retomada, nas cidades do entorno, na cidade de origem da pesquisadora, na universidade, em fóruns públicos de diversas naturezas e acompanhando aparições midiáticas episódicas da causa Kaiowá e Guarani - permitiu seguir e vivenciar processos e fluxos que tornaram possível a presente reflexão.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 O experimento de co-criação: fórum cosmopolítico

O convite aconteceu no dia 27 de março de 2014. O xamã Valdomiro Flores estava em minha casa e eu apresentei a ele o livro co-organizado por Toninho Maxacali e Eduardo Rossi (2011), assim como o Bestiário dos Cantos dos Yamixop (MAXACALI E OUTROS, 2013), como meio de convidá-lo a organizar um livro seu, com suas rezas, cantos e saberes históricos



e filosóficos do povo Kaiowá. A materialidade daquelas duas obras monumentais parece ter conseguido abrir um portal de comunicação entre mim e o rezador (eu, à época, falava e compreendia pouquíssimo a língua guarani e o rezador, por preceito divino não falava nunca a língua portuguesa). Os animais-espírito d'O Bestiário começaram a participar da conversa, viabilizando o contato, pela visualidade, de um conjunto de saberes zoológicos, farmacológicos e ambientais relacionados ao cerrado e à Mata Atlântica assim como a uma poética trazida pelos desenhos do povo indígena, "os parentes" do nordeste de Minas. Logo, a conversação passou a envolver também os guardiães desses animais e, em meio a espirais de tempo mítico inseridas na lógica cronológica do ritmo da cidade e das aulas na universidade, a resposta ao convite foi positiva. A maior parte da organização do livro se deu num trabalho de campo no tekoha Guaiviry (município de Aral Moreira, Mato Grosso do Sul, Brasil) onde foram feitas as transcrições e a maior parte das traduções dos materiais que compuseram o livro de rezas, cantos, filosofia e história Kaiowá (FLORES; FLORES; OLIVEIRA, 2020).

Os materiais trabalhados para a composição do livro foram inúmeros e muito variados. Uma reza longa registrada em Belo Horizonte (março/2014), aulas ministradas na universidade pelo rezador (2014 e 2016) e pela rezadora Tereza Amarília Flores, esposa de Valdomiro (2018), entrevistas realizadas no tekoha com o casal (2012-2018), com registro em áudio e audiovisual. A equipe principal de trabalho foi composta por Vagner Arce Gomes, Anailson Gomes, Cledson Amarília Ricarte, Johnn Nara Gomes, com participações de diversos outros jovens do tekoha em momentos variados da transcrição e da tradução. O primeiro material com o qual trabalhamos foi a reza longa e, com ela - por seu valor pedagógico para dentro e para fora do mundo Kaiowá -, foi que criamos todo um sistema de atenção à poética das palavras de Valdomiro e Tereza bem como à sua lógica de transmissão de conhecimentos. A reza alternava cantos e proferimentos, ambos longuíssimos<sup>6</sup>.

As formas de trabalho inventadas com a transcrição da reza longa ajudou-nos a criar um método, uma rotina de trabalho e muitas formas de nos ajudarmos reciprocamente em nossas pesquisas. Essa criação de um sistema de atenção implicou os seguintes passos: uma escuta coletiva, a repetição da frase por um Guarani falante e o registro da frase por mim ou outro

<sup>6</sup> O ritual da reza longa (Ñembo'e Puku) acontece no tekoha Guaiviry todas as quintas-feiras. Começa ao entardecer e termina ao amanhecer o dia seguinte. Envolve uma longa caminhada cosmológica cheia de perigos e de belezas, relações com os espíritos dos mortos, com uma miríade de entidades sagradas (em seus princípios masculinos e femininos), espíritos dos animais e de plantas, além dos espíritos dos vivos que se deslocam até lá - posições passíveis de se transformarem umas nas outras. Esse "lá" é chamado terra de cima, conformado em quinze patamares e infinitos caminhos, bifurcações, salas, lugares, paisagens sem coordenadas geográficas e temporais estáveis.



Guarani falante. As primeiras incursões na transcrição foram mergulhos quase no escuro, guiados pela intuição e pelo treinamento da habilidade da escuta, uma escuta sensível que se dava principalmente com o ouvido, os dedos e a sensibilidade. As palavras iam sendo literalmente “descobertas” a partir de sua sonoridade e das possibilidades de inscrevê-las digitalmente. No trabalho junto com a equipe de guarani-falantes fomos descobrindo uma enormidade de formas de registro escrito de uma mesma palavra ou da aglutinação de palavras e posposições.

A ambiência da transcrição criava uma dinâmica de discussões bastante autônoma quando havia mais de um jovem trabalhando comigo ao mesmo tempo. Eles discutiam, entre si, principalmente a composição da reza e dos cantos Guahu e Kotyhu<sup>7</sup>. A reza longa, cantada à maneira de ondas de brilho que explodem em intensidades diversas, provocava conversações em torno dos ensinamentos de Valdomiro e Tereza bem como sobre os próprios caminhos de aprendizado dos jovens e seus diferentes níveis de competência para a viagem cosmológica nela implicada (que exige habilidades como força, leveza e perseverança criadas a partir de uma série de preceitos e de práticas cotidianas que impulsionam a experiência do *teko*: o modo natural de viver Kaiowá). O entendimento dos versos de Guahu e Kotyhu, cantos melodiosos e provocadores de muita curiosidade e ambição nos jovens, é por vezes bastante difícil, mesmo para os falantes do guarani como língua materna pois eles são cantados por debaixo da língua ("*guahu ha kotyhu opurahei hina k~u guype*"). Além de fazer parte da musicalidade kaiowá, os aprendizes entendem essa ação como uma estratégia pedagógica dos mestres e das mestras para que eles levem tempo para aprender. Todas essas discussões, em geral iniciadas em Guarani e comentadas depois em português, se tornaram um conjunto de notas e boa parte delas veio a compor a edição do livro, esclarecendo pontos ou trazendo informações complementares para o leitor e a leitora.

<sup>7</sup> Guahu e kotyhu são modalidades de cantos do patrimônio imaterial Kaiowá e Nandeva. Os guahu são cantos dos animais míticos e juntos perfazem um grande conjunto de formas poéticas que descrevem e ativam as formas animais no mundo atual no qual vivemos. Os kotyhu são cantos leves e que tematizam as relações e interações dos homens e mulheres, mas que podem também se relacionar com as qualidades de animais e de plantas. Diversos trabalhos no campo da etnomusicologia e da etnologia têm atestado o valor patrimonial, estético e político dos cantos nas experiências de diversas nações indígenas. No caso dos povos Guarani e Kaiowá, há vários esforços tanto de catalogação quanto de classificação dos repertórios mencionados. Algumas classificações correntes separam os *ñembo'e*, rezas ou cantos xamânicos, como cantos sagrados em oposição aos guahu e kotyhu como cantos profanos já que evocados na constituição de espaços de sociabilidade (BENITES, 2012). Izaque João (2011) classifica os guahu e kotyhu como cantos de diversão. Montardo (2006), contestou essa divisão já que os guahu e kotyhu são também cantos ritualísticos. Graciela Chamorro (2008) chama os guahu de “cantos lamentosos” e os kotyhu de “cantos de encontro”, em contraponto, o projeto de documentação colaborativa, organizado por Rodgers *et alli* (2017), os classifica como “cantos míticos” e “cantos líricos”, respectivamente. No *tekoha* diversas formas de classificação e explicação do poder dos cantos são também ativadas, discutidas e explicadas.



Além dos cantos Guahu e Kotyhu que já estavam registrados nos acervos etnográficos, a pesquisa de novos cantos ganhou grande centralidade como impulso motivador para os jovens participantes da equipe. Foi uma etapa de pesquisa que extrapolou a escuta e a transcrição. Rendeu-nos momentos de grande entusiasmo e reconexão dos jovens com seu patrimônio cultural imaterial, o desejo vivo de buscar, registrar, aprender. Por iniciativa deles, iniciou-se um intenso processo de busca de informação junto a outras pessoas mais velhas da comunidade<sup>8</sup>, cumpadres e comadres que sempre cantaram com Valdomiro e Tereza, além de aprendizados com rezadores e rezadoras de outras retomadas em encontros coletivos como os Aty Guasu<sup>9</sup>. Por estímulo nosso, os cantos foram registrados em cadernos de campo e depois cantados pelos jovens, gerando registros em áudio que complementaram os registros escritos. A tradução da reza longa também foi o primeiro passo no processo de criação de um método de tradução. Nela trabalhamos, fundamentalmente, eu e uma jovem Kaiowá, Johnn Nara Gomes, com a revisão final de Tereza e Genito Gomes<sup>10</sup>. A tradução foi feita verso a verso, por vezes, com longas filigranas em torno de uma só palavra. Boa parte das discussões se tornaram notas de tradução ou de contexto, buscando dar conta das condições nas quais a reza é performada, incluindo gestos, ambiência e detalhes sobre os caminhos percorridos na viagem cosmológica. Primeiro, buscamos alcançar um sentido geral, repassando a frase em Guarani, depois de anotado esse sentido geral, partíamos para a busca da melhor elaboração em português. Para tanto, fizemos uma segunda camada de tradução, dessa vez literal e palavra a palavra, que informava sentidos bastante diversos das formas gramaticais em língua portuguesa, subvertendo mesmo a estruturação dessa língua. A partir daí, com a jovem ou com o revisor, buscamos formas diplomáticas de tradução entre os mundos, respeitando a língua Guarani e as experiências ali compreendidas, mas buscando a beleza e a plasticidade do que era dito em português. No âmbito da sinonímia, buscamos as melhores opções para alcançar a beleza e o

<sup>8</sup> Três fontes de pesquisa se destacaram: Ña Jemercia e Bonifácio Flores são cantores com uma grande força na “disputa” de cantos (ojeropapa) que vai criando o caminho da alegria pela alternância dos cantos melódiosos. Ña Josefa Vilhalva detém um grande arquivo de cantos Guahu. Sobre aquela disputa e o valor estético dos cantos na cultura Kaiowá, elaborei uma reflexão acerca dos Bro MC's que cantam rap em Guarani (OLIVEIRA, 2016)

<sup>9</sup> Aty Guasu, grandes assembléias Guarani-Kaiowá, são reuniões periódicas auto-organizadas de caráter político e espiritual que acontecem em MS desde o final dos anos 1970. Funcionam como uma espécie de parlamento, no qual as lideranças fazem longos relatos das situações de cada território no que tange às violações de direitos, relações com o Estado e com parceiros, violências sofridas e estratégias de enfrentamento. Em diversos momentos, acontecem também rituais de sociabilidade, rezas e encantações. Atualmente, encontram-se subdivididas em Aty Guasu (reunião geral), Kuñague (reunião das mulheres), Retomada Aty Jovem, Aty Guasu de Professores e Acadêmicos. Sobre a história do Aty Guasu, ver Benites, 2014; Pimentel, 2012.

<sup>10</sup> Fizeram parte da equipe de tradução, nas outras partes do livro, o pedagogo Kaiowá e doutor em antropologia Tonico Benites.

caráter sagrado/erudito do que era proferido/cantado e no âmbito de um sentimento da língua, especialmente por parte dos Guarani falantes, chegamos ao resultado final da tradução.

Sobre o caráter sagrado e a tradução, um comentário adicional se faz necessário. Várias traduções de palavras já conhecidas mas que, na visão dos organizadores Kaiowá, privilegiam a cosmovisão cristã foram radicalmente combatidas nos processos de tradução do livro. É caso por exemplo de céu. Juntos optamos por, na maior parte dos casos, usar "terra lá de cima" ou "terra do alto" já que a experiência filosófica Kaiowá divide o mundo em três terras: a de cima, a que vivemos e a debaixo. Quando não cabia essa tradução, optamos por manter as palavras em Guarani, como *yvay* ou *yvãgara* (esta última uma região mais específica da terra lá de cima), nos versos traduzidos ao português. O mesmo procedimento foi aplicado para nomes de entidades sagradas do panteão Kaiowá cuja tradução como Deus foi veementemente negada pelos meus interlocutores. Tupã Yryvera Mir'i, Tupã, Overa, Kuarahy, Jasy, Ñanderu Guasu e Ñandesy Guasu, para ficar nos exemplos principais, foram mantidos em Guarani nos versos e frases em português.

Para adentrar mais profundamente na poética e nas formas de conhecimentos dos cantos e dos proferimentos, sonhos e desenhos - meus e da equipe que trabalhava comigo - passaram a ser mediações fundamentais nas formas de transcrição e, principalmente, de tradução. Os primeiros dias de trabalho envolveram grandes tensões emocionais e problemas de funcionamento dos equipamentos. Após sermos aconselhados por Tereza e receber mensagens de Valdomiro que chegaram por sonho a Juliana Flores (mãe de um dos jovens da equipe) e a mim, passamos a realizar um pequeno ritual de reza antes de começar o trabalho, puxado por um dos jovens aprendizes do casal. Tereza nos presenteou com remédios produzidos por ela com plantas da pequena mata nativa de cerrado que sobrevive na nascente do rio que passa pelo território da comunidade. Compartilhamos de nossos sonhos todos os dias - costume comum entre os Kaiowá nas rodas familiares em torno do fogo doméstico ao amanhecer -, enquanto sonhávamos o livro pronto. Também compartilhamos desenhos de cenas da reza e de cenas, objetos, plantas e animais xamânicos e/ou presentes na vida cotidiana do *tekoha* (ver figura 1, abaixo).



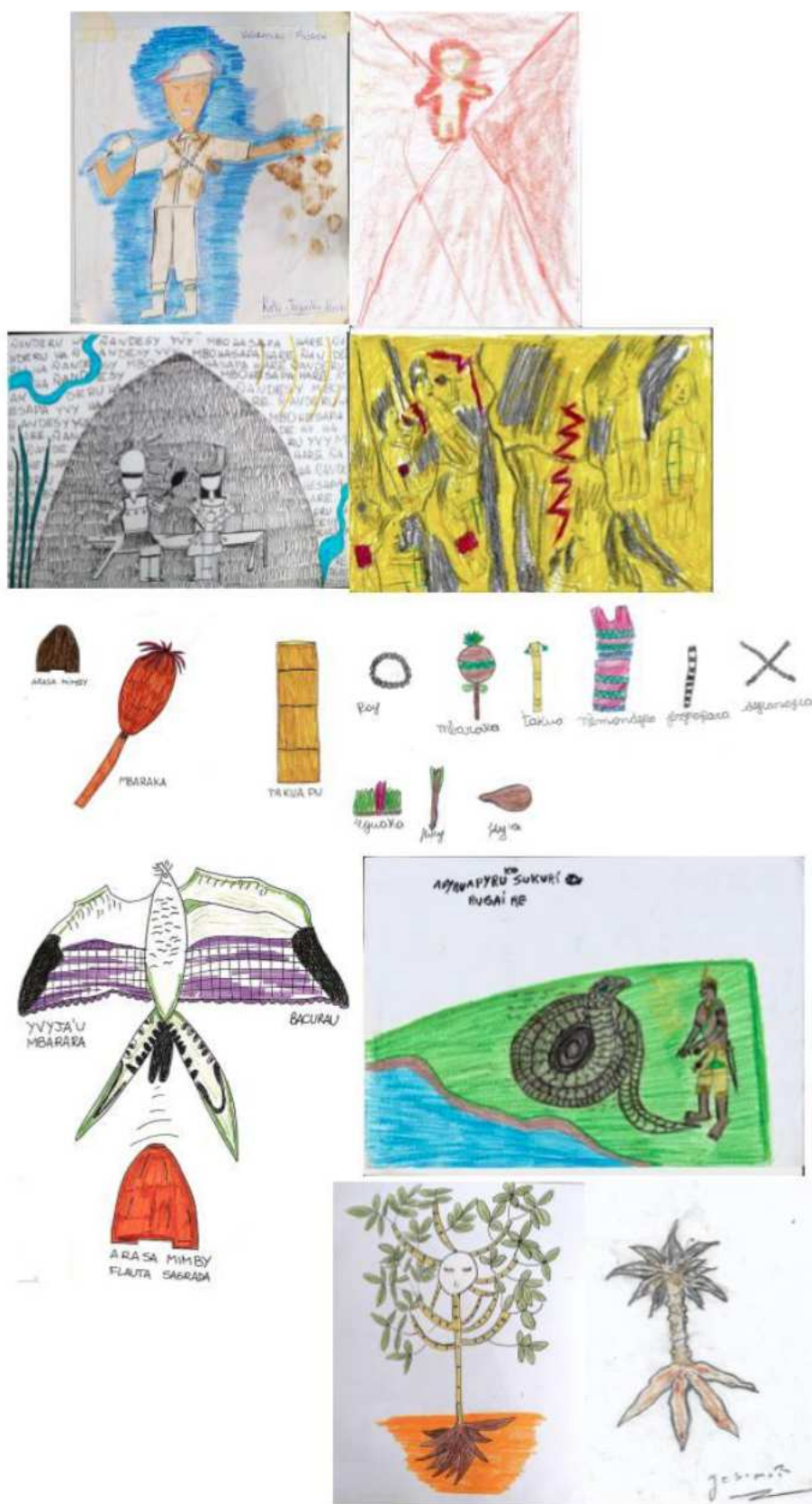


Figura 1 - Montagem desenhos da autora (à esq.) e equipe de transcrição/tradução/desenhos (à dir.). Fonte: acervos da autora

Após todo o processo de preparação dos manuscritos no que tange à transcrição e à tradução, uma dúvida me perseguia: como dividir os capítulos e apresentar os conhecimentos por nós trabalhados a leitores e leitoras? Nesse sentido, o curso ditado por de Nã Tereza na universidade (Políticas da Terra - Módulo Kaiowá/Set. 2018) foi de fundamental importância. A todo tempo, Tereza afirmava que o modo de ser kaiowá vinculado à terra, o *teko*, só vivenciável no *tekoha* é ativado pelos repertórios de cantos Nẽmbo'e, Guahu e Kotyhu. Tratam-se, na visão dela, de três repertórios de valor igualmente mágico e sagrado, cada qual com funções rituais e consequências pragmáticas diferentes. A jovem Johnn Nara Gomes, aprendiz e tradutora de Tereza, afirma que os três repertórios são sagrados e "cada um tem a sua língua própria ou o seu sotaque", embora os três sejam cantados em ondas sonoras cuja modulação correta confere mais ou menos sucesso aos seus efeitos mágicos e beleza à sua estética. O domínio das competências para cantar os três repertórios variam, podendo se concentrar em uma só pessoa ou representar especializações em que cada repertório tem o seu *expert*. De todo modo, escutar sobre esses cantos e sua relação com a *ativação do e formação no* modo de vida tradicional foi a chave para entender a composição editorial do livro que ficou então dividido em quatro capítulos: o primeiro dedicado à reza longa, o segundo aos cantos guahu, o terceiro aos cantos kotyhu e o quarto a proferimentos diversos, testemunhos e reflexões filosóficas e históricas organizados sob a forma de um decálogo.

Esse percurso colocou em diálogo uma pesquisadora formada na tradição ocidental, muita competência na língua portuguesa e pouca competência na língua guarani (que aumentou ao longo do trabalho e da pesquisa) ao lado de jovens kaiowá com grande competência na língua guarani, competência razoável na língua portuguesa e iniciantes na pesquisa científica kaiowá e ocidental. Tempos, espaços, agências, corpos e formas expressivas de dois mundos foram acionados e colocados em perspectiva cambiante. Esse tipo de trabalho de encontro configurou o que chamo de fórum cosmopolítico (OLIVEIRA, 2016; OLIVEIRA; VASQUES, 2018; OLIVEIRA; FIGUEIROA, 2020). O trabalho colaborativo imantado cosmopoliticamente pôde produzir pontes que tornavam possível agenciar travessias, não obstante as abissais diferenças que separam nossos mundos (algumas delas intransponíveis), e nos faziam nos encontrarmos em três sentidos principais: 1) nas descobertas conjuntas e compartilhamento de esperanças futuras quanto ao adensamento de nossos conhecimentos tanto na tradição Kaiowá quanto na tradição Ocidental; 2) no desejo de alcançar bons sentidos para que as belas imagens e palavras de Valdomiro e Tereza evocam pudessem por nós ser vistas, escutadas, vivenciadas e também transmitidas no livro; 3) na postura ético-científica da descoberta e da curiosidade que nos



colocava, simétrica e alternadamente, nas posições de pesquisadores e pesquisadoras bem como de aprendizes. Comecei a escutar os jovens que comigo trabalhavam dizerem, ao se apresentarem em público algo como: *somos pesquisadores da nossa própria cultura porque não é porque nascemos Kaiowá já detemos o conhecimento. Os mais velhos são os nossos livros*. Assim como esse entendimento da aquisição do conhecimento como um processo aberto e construído, também descreviam as qualidades do ser sagrado como uma potência em devir, não uma qualidade prévia ou uma essência natural, mas como uma posição a ser conquistada por eles e por mim, muitas vezes, me definindo como Kuña (mulher) Kaiowá de pele branca.

## 2.2 Oralidade, Escrita e Oralidade Transcrita: gramática experiencial e *design* engajado

O guarani é uma língua com forte base oral ainda nos dias de hoje, especialmente para os povos Guarani e Kaiowá — apesar de ser a língua oficial de um país, o Paraguai, e da recente inclusão da alfabetização na língua originária nas escolas interculturais, bilíngues e comunitárias indígenas no Brasil — direito garantido na Constituição de 1988, reafirmado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e detalhado na Resolução 3/99 do Conselho Nacional de Educação (1999). As gramáticas e os dicionários produzidos, até o momento, por especialistas estrangeiros e brasileiros, linguistas, antropólogos e missionários foram, na maior parte dos casos, guiados por critérios e categorias das línguas européias. Também é uma língua que, dentro dessas categorizações, é chamada de aglutinante. Para formar o sentido várias palavras e partículas são agregadas, podendo ser faladas e escritas juntas na estrutura frasal. Contudo, cada jovem da equipe ia sugerindo formas diferentes de aglutinação bem como de grafia de algumas palavras. A variação linguística é descrita nas conversações cotidianas na experiência Kaiowá como um valor, uma grande riqueza — são citadas diversas categorias de variação: o guarani antigo (muito valorizado e considerado "o verdadeiro", "o sagrado"), o guarani dos anos 1920, 1930, 1940, o guarani de hoje, o guarani dos velhos, o guarani de uma pessoa especificamente, o guarani de uma família, o guarani deste ou daquele tekoha, o guarani misturado (jopará com a guaranização de palavras da língua portuguesa e do espanhol), o guarani das reservas, o guarani paraguaio. Optamos, no livro, por manter, na maior parte dos casos, essa forma variante da língua da comunidade linguística do Guaiviry,

respeitando sua gramática experiencial<sup>11</sup>. Nessa comunidade, não obstante o nome formal da língua seja Guarani, há preferência pela nominação da língua falada como Kaiowá (ver nota 2) Fazer um livro bilíngue e com primazia da língua Kaiowá foi um grande desafio. A começar pela relação, como enunciado anteriormente, entre oralidade e escrita. Nossa opção foi, como dito anteriormente, apostar nessa forma híbrida de escrita que Carvalho (2020) denominou "oralidade transcrita", definindo suas características principais da seguinte forma:

A marca distintiva da oralidade transcrita é que o texto escrito final mantém o espírito da oralitura de onde surgiu sem confundir-se com ela nem se propor a substituí-la; e igualmente se apresenta com seu lado de escrita, porém mantendo o espírito da oralidade, e por este motivo distinto da escrita plena especializada que marca a produção acadêmica. O conhecimento ensinado nas universidades, incluindo as pesquisas em andamento, é o mundo do letramento pleno e altamente especializado. Como a maioria dos mestres e das mestras possui pouca ou nenhuma escolaridade, com a sua chegada na condição de docentes, passamos a incluir nas aulas os saberes da oralidade plena, porque todos eles e elas foram formados em suas comunidades tradicionais por mestres anteriores que lhes ensinaram por transmissão oral. Contudo, mesmo os mestres que são escritores não deixam de exercitar a oralidade como meio privilegiado de transmissão em sala de aula. Assim, o Encontro de Saberes começou oferecendo ao nosso mundo acadêmico duas linhas de transmissão de conhecimento para os alunos: o letramento pleno e a oralidade Plena<sup>12</sup>.

É desse modo que a oralidade transcrita se constitui como um recurso que faz a mediação entre a oralidade plena de mestres e mestras de saberes tradicionais como Valdomiro e Tereza e o mundo do letramento pleno que tem no dispositivo livro um de seus modos mais especializados de concretização e afirmação de autoridade e poder. Nesse sentido, vale acompanhar ainda o pensamento de Carvalho (2020)

A oralidade transcrita e a atividade de escriba dela derivada não são apenas novas soluções técnicas, mas são também, e primordialmente, posicionamentos políticos, que apontam para uma revolução epistêmica e uma descolonização do saber acadêmico que historicamente controlou a representação dos povos indígenas diante da sociedade e do Estado.

É também nesse sentido, da política acadêmica em prol de universidades, bibliotecas e espaços de conhecimento cada vez mais pluriépistêmicos que foi feita a escolha pela co-autoria. A partir da ideia de realização do livro, que surge de uma intelectual de formação acadêmica Ocidental, dois intelectuais Kaiowá se viram convidados a registrar e deixar seus saberes ditados originalmente sob a forma de oralitura ganharem a forma escrita. A forma livro não é a

<sup>11</sup> Há duas abordagens principais de padronização da escrita em língua Guarani, a partir de gramáticas criadas por missionários jesuítas e pelos missionários presbiterianos (CHAMORRO, 2018).

<sup>12</sup> Referência ao projeto Encontro de Saberes do INCTI/UNB.



forma tradicional de fazer circular conhecimentos entre os povos indígenas. Esses têm sua cultura vivida e seus arquivos de conhecimentos produzidos e reproduzidos junto mesmo com as formas cotidianas de existir assim como valem-se da oralidade, da memória longa, das conversações domésticas e, acima de tudo, dos momentos rituais xamânicos e dos cantos como forma preferencial de produção e salvaguarda de seu patrimônio imaterial.

No entanto, ciosos de que para dialogar com os mundos estrangeiros ao seu, diversos povos indígenas no Brasil têm cada vez mais se apropriado e transformado esse tipo de artefato em algo que lhes é próprio também. Além de livros, filmes, vídeos, música e outros fazeres artísticos e comunicacionais fazem parte da luta por afirmação de direitos, construindo uma compreensão Kaiowá das práticas e conceitos Ocidentais de escrita, imagem e cultura. Pessoas e coletivos Guarani e Kaiowá têm buscado transformá-los em recursos na luta por efetivação do direito à terra e no combate aos imaginários viciados sobre a pessoa indígena (ou mesmo a presunção de sua inexistência), aos estigmas e preconceitos, à subalternização ancorada em mecanismos de colonialidade como o racismo e o genocídio. A cultura escrita não só passa a fazer parte, a um só tempo, do *front* de batalha e de comunicação intermundos, no qual o domínio linguístico do idioma oficial nacional no Brasil e de outras formas expressivas que delineiam fóruns de encontros — ainda que raríssimos — tornam-se estratégicos do ponto de vista indígena.

E isso não é tudo. Assumir tais formas revelam algo mais profundo acerca de um pensamento sobre o bem comum: o desejo de criar relação e fabricar “bom viver” (*teko porã*) para si e para todos. Dito de outro modo, desde um lugar de subalternização, genocídio e apagamento, pessoas e coletivos Guarani e Kaiowá estão empenhados em reparar a relação com o mundo dos brancos, em autorreparar a relação com sua própria existência danificada pelo contato, tomando de empréstimo do regime de conhecimentos que os oprime suas próprias armas e reinventando-as como modo tanto de ativar sua própria cultura como de colaborar para um mundo comum melhor.

Os processos de transcrição e tradução calcados na oralidade transcrita precisavam ganhar também forma nas escolhas do projeto gráfico do livro. Dito de outro modo, a oralidade transcrita precisa também encontrar uma experiência estética. Três frentes de pesquisa então se delinearam: acadêmica, tipográfica e de processos, materiais e soluções afins<sup>13</sup>. A pesquisa acadêmica para o projeto gráfico foi realizada com a finalidade de se entender a especificidades

<sup>13</sup> Pesquisa realizada em parceria com Amí Comunicação e Design.

de textos escritos para línguas indígenas para a seleção de tipografias e mancha de texto. Assim, acompanhando os estudos e as sugestões de Gravier (2010; 2013; 2014; 2019), Silva e Silva (2014), Diniz (2007) e Orozco-Álvarez (2019), o desenho do livro e as escolhas gráficas não foram pensados nem de forma separada dos sentidos das palavras, nem como sua ilustração. Na verdade, estes se tornaram recursos expressivos na medida em que também traduziam algo da oralidade na escrita, enquanto propunham um ritmo de leitura e, sobretudo, a precedência da língua Kaiowá em detrimento da língua colonial.

Como as línguas indígenas têm por principal característica a predominância da oralidade, mesmo considerando escritas distintas anteriores à colonização que se perderam ou se encontram em registros de arquivos cuja pesquisa é muito especializada, a escrita alfabética foi desenvolvida somente a partir do processo de colonização e evangelização dos índios (GRAVIER, 2010)<sup>14</sup>. As diversas variações linguísticas foram construídas a partir de referências tipográficas (alfabetos, diacríticos, símbolos tipográficos, entre outros) de vertentes vindas do grego e do latim. Serviram tanto para o registro histórico e cultural dos povos quanto como forma de viabilizar a comunicação de forma direta para os fins missionários e/ou de dominação política em geral pretendidos.

Numa análise dos textos tipográficos para línguas indígenas feitos na atualidade, Diniz (2007) analisa diversos textos indígenas e suas falhas na composição entre tipos e diacríticos. Na pesquisa, há a análise de um texto impresso em língua Guaraní - do livro *Ñembohoky ñe' tesai rehehápe* editado pelo Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental (2002) -, na qual se destaca como problema o uso do diacrítico til, sobretudo sobre as letras "e", "y" e "g". Segundo o autor,

Além dos problemas relativos à falta de espaço e mau posicionamento do diacrítico em relação não só às letras acentuadas, mas também à oclusiva glotal (apóstrofo), é possível observar que o til utilizado sobre essas letras não é o mesmo utilizado sobre o n, por exemplo, cujo uso foi previsto no desenvolvimento da fonte.

Tal análise torna-se bastante perceptível, conforme a figura 2, abaixo:

<sup>14</sup> A exemplo do Summer of Linguistics Institute (SLI) que, sob a máscara científica dos estudos linguísticos, ocultava interesses missionários e proselitistas cristãos dos povos indígenas (BARROS, 2004). É claro que apropriações indígenas da escrita, mesmo as missionárias, também aconteceram, como mostra o projeto *Lenguas Generales de América del Sur* (LANGAS). Um exemplo são as cartas escritas por líderes indígenas em língua Guaraní durante os levantes contra as missões jesuíticas no cone Sul (NEUMMAN E BOIDIN, 2017).



Ko ñemombe'upýrupive oikuaáva ha oikuaa'ỹvape oipytyvõ, ani haña hesarái, upérupi oñemomba'eguasuve haña. Ko'áva pohã jeporupy ko kuartia ñe'ẽrupi ojekuaa haña pohã ñana ndojapovaíri umi karai kuéra pohãicha.

Oĩ ombohasa ha'e oikuaáva voi ohecha va mba'ekuaa pohã rehegua ojapo jave. Avei oĩ ndoi oporandu randu umi itujavéa mba'éichapa ojejapo

uaa'ỹvape  
haña  
ñe'ẽrupi

Figura 2 -

Exemplo de mancha de texto e dificuldades de legibilidade em língua Guarani.  
In: Diniz, 2007.

Gravier (2012), a partir de entrevistas com designers que desenvolveram trabalhos acadêmicos com foco em desenhos de tipografia para línguas indígenas, indica um percurso para o desenvolvimento de fontes com este destino. Esse percurso define como focos os seguintes aspectos: histórico, cultural/etnográfico, cultural linguístico, tecnológico e de produção. Recomenda, portanto, ao designer um investimento em conhecimentos sobre o povo e a língua indígena para um bom desenvolvimento de fontes, observando critérios como legibilidade e equilíbrio. Assim, incentiva a pesquisa de fontes desenvolvidas por *designers* locais ou regionais que desenvolvem fontes para línguas indígenas na América Latina, por exemplo. Foi assim que chegamos à escolha das fontes Jeroky e Compilada (para língua Guarani)<sup>15</sup> e Spectral (para o Português). Para garantir a proeminência da língua Guarani na mancha de texto, optamos por usar a fonte Jeroky com dois pontos de diferença em relação à fonte Spectral. Do mesmo modo, optamos por ter uma página em Guarani e outra em português (lado a lado), o que pode ser interessante para cotejar os textos nas duas línguas -- algo de valor para pesquisadores e pesquisadoras de diversas áreas -- bem como, deixar o Guarani na primazia do sentido de leitura: da esquerda para direita.

<sup>15</sup> As fontes tipográficas Jeroky e Compilada foram desenvolvidas por Juan Heilborn no Paraguai. As fontes respeitam os acentos nasais do Guarani e são aplicáveis a teclados configuráveis em todos os sistemas e plataformas, com distribuição livre. Ver: <http://tipografiaparaguarani.org/>

### 3 CONSIDERAÇÕES: DIÁLOGOS INTEREPISTÊMICOS E COMUNICAÇÃO INTERMUNDOS

O que a co-criação de um livro envolvendo uma pesquisadora acadêmica de formação Ocidental e um coletivo indígena do povo Kaiowá - suas lideranças intelectuais, espirituais e políticas - pode nos dizer sobre a comunicação entre mundos e as formas de afetação recíprocas entre eles? A presente reflexão foi orientada por essa questão. Nela tentamos apontar que, antes de mais, esse encontro exige muitos esforços e de muitos tipos. Se o livro é um espaço de disputa de poder, já que ele tem sido o dispositivo preferencial de circulação de uma única forma de conhecimento -- o conhecimento eurocentrado -- calcada nos processos de letramento pleno e exerce um lugar de autoridade já que porta, em geral, essa forma de conhecimento que se pensa como superior, pode ele ser também dispositivo interacional (BRAGA, 2012) que faz encontrarem regimes de conhecimento e existências concretas (pessoas, famílias, corpos)? Dito de outro modo, pode o livro fabricar a comunicação intermundos?

Vale lembrar que há poucos espaços de coabitação dos mundos no Brasil, recortado por desigualdades abissais - econômicas, sociais, raciais e de gênero - e não há, tampouco, protocolos (CARVALHO, 2018) para esses encontros que exigem abertura para que a interação entre eles aconteça. No caso concreto, para que o livro se viabilizasse como um experimento de co-criação -- e não como um livro *sobre* ou um livro *para* os Kaiowá -- vários aspectos foram observados e interconectados, envolvendo: 1) o estar juntos com proximidade corporal e afetiva, a criação de rotinas de trabalho, a escolha conjunta dos materiais a serem priorizados nos processos de transcrição e tradução, as conversações e trocas constantes em torno dos próprios processos de transcrição e tradução (o que envolvia conversações cotidianas, trocas de desenhos, contações de sonhos, tomar mate, tereré e remédios tradicionais, rezar e caminhar juntos pelo tekoha); 2) as decisões compartilhadas no que tange aos projeto editorial-gráfico, priorizando uma pesquisa em *design* gráfico engajada histórica e antropológicamente e uma escuta atenta para entender a divisão dos capítulos, o lugar da autoria não-indígenas e de seus textos e notas (apresentação, prefácio, posfácio, notas de referência e notas de tradução, biografias do mestre e da mestra); 3) o respeito ao princípio do encontro de saberes no que tange à decisão de produção de um livro que pudesse circular nas escolas e mundos indígenas (tanto de língua Guarani quanto de outros povos) quanto nos mundos não-indígenas como forma respeitosa de tornar visível um conhecimento de valor universal.

A abertura refere-se, portanto, a uma atitude de respeito a lógicas e experiências nas quais não se tem formação e de relação e co-presença corporal em mundos estrangeiros,



estabelecendo um diálogo de aprendizagens mútuas. Mas vai além. Envolve também reabilitar o afeto como forma de acesso ao conhecimento. Ser afetada, naquele sentido muito especial que a etnóloga tunisiense, Jeanne Favret- Saada (1977), dá a esse termo, envolve um sentir no corpo não necessariamente ligado à produção cultural do “entendimento”, para empregar um termo da filosofia clássica. Como Favret-Saada, parece-me urgente reabilitar a “sensibilidade”, deslocando-a do lugar de mero produto de uma construção cultural sem nenhuma consistência fora dessa construção ou do registro da representação. Se o respeito, atitude de início, envolve reconhecer estarmos diante de um saber que não detemos, a sensibilidade permite a constituição do fórum que é cosmopolítico por colocar em negociação existencial e comunicação ampliada a humanidade de muitos agentes não-humanos como ponto de partida para a vivência de múltiplas temporalidades e múltiplas espacialidades que constroem a ambiência e a ética simétrica do encontro.

Vale dizer que o encontro de mundos e de saberes não é da ordem da equivalência. A tradução é sempre inexata, sendo ela própria uma outra existência. Os sentidos e sentidos de uma experiência não se codificam de forma linear e correspondente em duas línguas. A comunicação intermundos como toda forma de comunicação é um gesto tentativo (BRAGA, 2010; 2012). Contudo, menos do que tomar as intransponíveis diferenças entre os mundos e os saberes bem como entre suas formas de codificação linguísticas e expressivas como uma justificativa para evitá-los ou para manter distâncias e fronteiras, o gesto aqui descrito foi o de tomá-las como um estímulo à invenção poética e experimental do encontro. Os processos de tradução dos cantos Ñembo’e Puku e Guahu e Kotyhu buscou concretizar o que foi posto por Valdomiro e Tereza, ambos falantes exclusivos da língua Kaiowá, como seu objetivo: mostrar uma pragmática existencial dos cantos, suas modulações e ativações na vida cotidiana do *tekoha*, a partir de suas memórias e nos processos transmissivos intergeracionais. O decálogo, por sua vez, compõe-se de testemunhos históricos acerca da guerra pela terra em MS e também por reflexões filosóficas diversas quanto à criação do mundo, à saúde e a doença, as relações inter-humanas ampliadas às divindades, aos animais e às plantas, a roça e a criação do bem comum. Tal cosmopraxis agenciada por jovens e lideranças na organização dos materiais -- a kaiowarização do livro --, além de configurar um processo de apropriação desse formato de arquivo, instrumento profundamente colonizado e colonizador, têm o objetivo de deslocar vivamente leitores e leitoras ao modo como os cantos, os conhecimentos e as pessoas Kaiowá re-existem. Essa re-existência é contra-colonial, conforme conceito do intelectual quilombola

Antônio Bispo dos Santos (2015), pois congrega a força dos povos afropindorâmicos que nunca se deixaram colonizar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. T.. *Do Desenvolvimento Comunitário à Mobilização Política: o Projeto Kaiowá-Ñandeva como Experiência Antropológica*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCTI/UNB, 2015.

BARROS, M. C. D. M. A missão Summer Institute of Linguistics e o indigenismo latino-americano: história de uma aliança (décadas de 1930 a 1970). *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 45-85, 2004.

BENITES, T.. Rojeroky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha. 2014. 270 f. *Tese* (Doutorado em Antropologia Social) - PPGAS - Museu Nacional - Universidade Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BRAGA, J. L. Nem rara, nem ausente - tentativa. *MATRIZES*, Ano 4 – Nº 1 jul./dez. 2010 - São Paulo, p. 65-81

\_\_\_\_\_. Uma teoria tentativa. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*, Brasília, v.15, n.3, set./dez. 2012

CALLON, M; LASCOUMES, P; BARTHE, Y. *Acting in An Uncertain World: An Essay on Technical Democracy*. Cambridge, MA, USA, and London, UK: MIT Press, 2009.

CARVALHO, J. J. de. A Reza Longa de Valdomiro Flores e Tereza Amarília Flores, Um Monumento da Literatura Oral Kaiowá. IN: FLORES, V.; FLORES, T. A.; OLIVEIRA, L. *Ñẽe Tee Rekove/Palavra Verdadeira Viva*. Belo Horizonte, Selo PPGCOM/Rumos Itaú Cultural, 2020.

\_\_\_\_\_. Encontro de Saberes e Descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

\_\_\_\_\_. O Mundo da Kalunga na Voz de Vó Procópio. Em: Vó Procópio e Bia Kalunga, Iaiá Procópio: Memória e Resistência Kalunga. Brasília: INCTI/Ayó, 2019.

CHAMORRO, G. *Terra Madura/Yvy Araguaye: Fundamento da Palavra Guarani*. Dourados: Editora da UFGD, 2008.



\_\_\_\_\_. *História Kaiowá: das origens aos desafios contemporâneos*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. *Apostila Curso Intensivo de Língua Guarani*. Dourados, Centro Cultural Casulo, 2018

DESCOLA, P. *Hacia una nueva cosmopolítica*. Seminario Centro MIDE, Centro de Estudios Interculturales e Indígenas/Campus San Joaquín UC, 01/12/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xGaJJCHfsaM> Acesso em 05/01/2019.

FAVRET-Saada. *Les mots, la mort, les sorts*. Paris: Gallimard, 1977.

FLORES; V.; FLORES, T. A.; OLIVEIRA, L. *Ñe'e Tee Rekove/Palavra Verdadeira Viva*. Belo Horizonte, PPGCOM/Rumos Itaú Cultural, 2020.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2003.

GRAVIER, M.G.. *Reflexiones sobre la comunicación escrita de un grupo indígena mexicano*. Cultura Escrita Y Sociedad, 2010.

\_\_\_\_\_. *Sahagun's codex and book design in the indigenous context*. Waldman. Ed. 2012, pp. 157-198.

hooks, bell. "A construção de uma comunidade pedagógica: um diálogo". *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JOÃO, I. Jakaira Reko Nhepiru Marangatu Mboraei: origem e fundamentos do canto ritual Jerosy Puku entre os Kaiowá de Panambi, Panambizinho e Sucuri'y, Mato Grosso do Sul. 2011. *Dissertação* (Pós-Graduação em História), Faculdade de Ciências Humanas, UFGD, Dourados\_MS.

LANGAS - *Lenguas Generales de América del Sur*. Disponível em: <http://langas.cnrs.fr/#/description>. Acesso em 23 Jan. 2020.

LIMIC, T. Para un diálogo interepistémico y decolonial entre feministas occidentales y no occidentales. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 23, p. 133-156, Dec. 2015.

MARCUS, G. Ethnography in/of the world system: the emergence of multisited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, n. 24, p. 95-117, 1995.

MAXAKALI, T. & ROSSE, E. P. (Orgs.). *Kômãyxop: cantos xamânicos maxakali/tikmü'ün*. Rio de Janeiro: Museu do Índio; FUNAI, 2011.

MAXAKALI, I.; MAXAKALI, M.; MAXAKALI, T.; MAXAKALI, To.; MAXAKALI, D.; MAXAKALI, M.; MAXAKALI, Z. K.; TUGNY, R. P. *Bestiário dos Cantos dos Yãmîyxop*. 1. ed. Belo Horizonte: Literaterras/Fale/UFGM, 2013. v. 1., 176p.

MONTARDO, D. L. O kotyhu ou guaxire, um gênero de canto/dança dos Guarani do MS. *Anais do III Encontro Internacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia: Cultura, sociabilidade e política das práticas musicais*. São Paulo, ABET, 2006. Disponível em: <https://studylibpt.com/doc/3312249/anais-iii-enabet---associa%C3%A7%C3%A3o-brasileira-de-etnomusicologia>. Acesso em: 27 Nov. 2018

\_\_\_\_\_. *Através do mbaraka: música, dança e xamanismo guarani*. São Paulo: Edusp, 2009.

MURA, F. À procura do “bom viver”: território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa. 2006. 504 f. *Tese* (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional. Rio de Janeiro: UFRJ/ MN/PPGAS.

NEUMANN, Eduardo Santos; BOIDIN, Capucine. A escrita política e o pensamento dos Guarani em tempos de autogoverno (c.1753). *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 37, n. 75, p. 97-118, May 2017.

OLIVEIRA, L. Bro MC's Rap Indígena: o rap e a constituição de fóruns cosmopolíticos na luta pela terra Kaiowá e Guarani. *Revista Eco-Pós*, V. 19, n. 3, 2016a.

\_\_\_\_\_. Etnografia, pesquisa multissituada e produção de conhecimento no campo da comunicação. *QUESTÕES TRANSVERSAIS - REVISTA DE EPISTEMOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO*, v. 5, p. 72-81, 2017.

OLIVEIRA, L; FIGUEROA, J.V. Pensar a comunicação intermundos: fóruns cosmopolíticos e diálogos interepistêmicos. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologias da Comunicação do *XXIX Encontro Anual da Compós*, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 24 a 26 de novembro de 2020

OLIVEIRA, L.; FLORES, V. ; GOMES, G. ; VASQUES, D. L. . *Nãnde Reko Marangatu: a retomada, a imagem e a constituição de fóruns cosmopolíticos*. Paper/Oralitura apresentada no V Colóquio de Cinema, Estética e Política. Belo Horizonte, Cine 104, 2016.

OLIVEIRA, L. e VASQUES, D. *Aprender a Rezar Guarani Kaiowá: pedagogia decolonial e o fazer cinema como fórum cosmopolítico*. Devires - Cinema e Humanidades, 2018.

OROZCO-ÁLVAREZ, M. (2019). ¿El diseño de fuentes tipográficas para lenguas indígenas, una forma de revitalización lingüística?. *Thesaurus* 59: 58-90 ([thesaurus.caroycuervo.gov.co/](https://thesaurus.caroycuervo.gov.co/))

PIMENTEL, S.. Elementos para uma teoria política kaiowá e guarani. 2012. *Tese* (Pós-Graduação em Antropologia Social) \_ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa>

RODGERS, A. P. L. et alli. (2017). A memória das canções como um território de resistência entre os povos indígenas da América do Sul. Um projeto coletivo de documentação. In: LUHNING, A.; TUGNY, R. P. (Org.). *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: Edufba, 2016, v. 1, p. 139-183.



SCHADEN, E. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.

SILVA, P. C. P.; SILVA, S. A.. Tipografia e alteridades: notas sobre edições indígenas. *Revista Linguagens Gráficas*. v. 1 | n. 1 | 2014 | p. 42-56.

STENGERS, I. The cosmopolitical proposal. In: LATOUR, B.; WEIBEL, P. (Org.). *Making things public: atmospheres of democracy*. Cambridge: MIT Press, 2004. p. 994-1003. Traduzido ao português e disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145663/139603>

*Original recebido em: 25 de maio 2020*

*Aceito para publicação em: 23 de outubro de 2020*

*Luciana de Oliveira*

Professora associada do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Líder do Grupo de Pesquisa Corisco (Coletivo de Estudos, Pesquisas Etnográficas e Ação Comunicacional em Contextos de Risco). A autora trabalha desde 2012 com a comunidade Kaiowá de *Guaiviry Yvy Pyte Yjere* e com a organização dos *Aty Guasu Guarani-Kaiowá* com produções em cinema, artes visuais, redes digitais, editoriais e acadêmicas. Atuou como curadora do Festival de Inverno da UFMG (2012, 2013 e 2014). Desde 2013 é impulsionadora do coletivo Bordados pela Paz Guarani e Kaiowá Brasil com o qual participou, junto com os cineastas de *Guaiviry* e o filme *Ava Marangatu*, da exposição *How to talk with birds, trees, fish, shells, snakes, bulls and lions* no Hamburger Bahnhof Museum (2018/2019). Ganhou o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea (2015) pelo projeto curatorial e expográfico de "Malungo == Irmãos de Barco. Carrancas de Mestre Orlando e Paulo Nazareth". É co-organizadora do livro *Ñe'e Tee Rekove/Palavra Verdadeira Viva* (2020) junto com o casal de xamãs Valdomiro Flores e Tereza Amarília Flores e co-autora do livro-objeto *Tee: amboe oguahema omburahei ha oñembosarai haguã/Descendentes: Outros que chegam para rezar e brincar* junto com Paulo Nazareth.



Esta obra está licenciada com uma Licença  
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional